

## Agronegócio

# Arroz mais sustentável atrai novos investimentos da indústria para região

**Safra do cereal no Rio Grande do Sul superou 7 milhões de toneladas**

**Eduardo Torres**  
eduardo.torres@jcrs.com.br

Mesmo com a tragédia ambiental que afetou o Estado em maio, a safra de arroz chegou ao resultado esperado. Foram colhidos 7,16 milhões de toneladas do cereal – redução de apenas 1% em relação ao ano anterior –, sendo mais de 75% entre as regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste. As perdas, estimadas em 5,2% das áreas semeadas, concentraram-se na faixa central do Estado.

No entanto, a certeza de que mudanças climáticas, somadas à marca que o cultivo do grão deixa ao meio ambiente – representa 17% das emissões do setor agropecuário gaúcho – têm estimulado cada vez mais o setor de pesquisa e desenvolvimento do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). E os resultados são promissores. Entre 2021 e 2022, por exemplo, a partir da aplicação de sementes e métodos de manejo do Irga, houve redução de 200 mil toneladas de gases emitidos pela produção orizícola gaúcha.

“Nossas pesquisas têm se concentrado na adaptação no manejo e no desenvolvimento de cultivares mais adequados ao estresse hídrico. As cultivares que desenvolvemos seguem agora princípios como tolerância a doenças, alta produtividade e qualidade dos grãos e, nas novas linhas de pesquisa, as linhagens promissoras serão caracterizadas também conforme



CLEITON RAMÃO/IRGA/DIVULGAÇÃO/IC

*O Rio Grande do Sul produz 70% do arroz que é consumido no Brasil*

o seu padrão de emissão, com alta eficiência no uso de água e baixa demanda de defensivos químicos”, explica a diretora técnica do Irga, Flávia Tomita.

Segundo ela, nas últimas safras, mesmo com a redução da área semeada, o aumento da tecnologia e o avanço da genética, com ênfase na sustentabilidade, têm garantido mais produtividade, inclusive atingindo números recordes. Resultados que têm atraído mais investimentos das empresas de beneficiamento e de toda a cadeia do arroz.

“A sustentabilidade na prática, com a busca da produção cada vez mais limpa, garante ao arroz gaúcho um padrão cada vez mais procurado nos mercados nacional e internacional”, aponta. Saem do RS 70% do arroz consumido no Brasil.

É o que acontece em Itaqui.

O município teve a terceira maior área semeada na safra 2022/23, com 54,07 mil hectares, e na deste ano, conforme o governo municipal, houve ampliação em torno de 5%. O volume atraiu um investimento milionário da Camil, apontada pelo Irga como a principal beneficiadora do arroz gaúcho no último ano. A empresa investe pelo menos R\$ 450 milhões – valor aprovado para receber benefícios do Fundopem – naquela que se anuncia como a maior indústria beneficiadora de arroz na América Latina.

A nova fábrica vai operar junto ao trevo de acesso a Itaqui na BR-472. São mais de 200 contratações só no período de obras. A Camil, porém, não revela detalhes ou o cronograma do investimento.

No mesmo município, estão instaladas também a Josapar

– segunda maior beneficiadora de arroz do Estado em 2023 – e a Raroz. Esta, encerrou recentemente um investimento de modernização da sua fábrica. O município tem ainda uma instalação da Camera que, no entanto, não industrializa a soja no local, mas recebe os grãos produzidos na região.

A Camil já atua em Itaqui, mas tem suas instalações dentro do perímetro urbano. A mudança possibilitará quadruplicar a produção, chegando a 1,2 milhão de fardos de arroz por ano e 950 toneladas de óleo de arroz.

Dados da administração dão conta de que tudo o que é plantado entre Itaqui e Maçambará é absorvido pelas indústrias locais. A chegada da soja, há três anos, por exemplo, não reduziu a área de plantio de arroz por ali. Entre 2020 e 2021, o PIB de

## Maiores beneficiadoras de arroz

- ▶ **Camil** (Itaqui, Camaquã, Capão do Leão, Dom Pedrito, Rio Grande)
- ▶ **Josapar** (Pelotas, Itaqui)
- ▶ **Arrozeira Pelotas** (Pelotas)
- ▶ **Urbano Agroindustrial** (São Gabriel)
- ▶ **Pilecco Nobre Alimentos** (Alegrete)

FONTE: IRGA 2023

## Plantio de arroz

- ▶ **Uruguaiana** 69,9 mil hectares
- ▶ **Santa Vitória do Palmar** 62,8 mil hectares (56 mil com rotação de soja)
- ▶ **Itaqui** 54,07 mil hectares (7,6 com rotação de soja)
- ▶ **Alegrete** 48,1 mil hectares (6,2 com rotação de soja)
- ▶ **Dom Pedrito** 33,6 mil hectares (30,5 com rotação de soja)

FONTE: IRGA 2022/23

## Produtividade de arroz

- ▶ **Rio Grande** 10 mil kg/hectare
- ▶ **Jaguarão** 9,8 mil kg/hectare
- ▶ **Santa Vitória** 9,5 mil kg/hectare
- ▶ **Dom Pedrito** 9,4 mil kg/hectare
- ▶ **Rosário do Sul** 9,3 mil kg/hectare

FONTE: IRGA 2022/23

Itaqui aumentou quase 40%.

A melhoria na qualidade do arroz gaúcho, com maior resistência às mudanças climáticas, também atrai investimentos a Pelotas, que tem a maior concentração de beneficiadoras do País – são 130 no total.

A Arrozeira Pelotas – terceira maior em 2023 –, por exemplo, investe R\$ 12 milhões para ampliar em 15% a sua capacidade de produção. Somadas, Arrozeira Pelotas, Josapar e Nelson Wendt, que representam as três maiores beneficiadoras, têm capacidade de beneficiar 15 milhões de sacas por ano.

## Cascas de arroz viram energia e ganham potencial econômico

Um diferencial do novo projeto da Camil em Itaqui está na nova destinação para as cascas de arroz, que até bem pouco tempo representavam um problema ambiental. A empresa investe na criação de uma usina termelétrica que vai gerar energia a partir deste resíduo. A usina terá capacidade de 12 MW, podendo gerar energia para todas operações da indústria e vender ao sistema. Na

atual planta, a Camil já produz a energia a partir das cascas, mas com capacidade somente para o abastecimento próprio.

Novos usos à biomassa gerada pelos resíduos do arroz são uma tendência. Em decomposição no solo, representam uma preocupante fonte de geração de gases do efeito estufa. Em Itaqui, por exemplo, a cultura do arroz respondia, em 2022, por 482 mil toneladas de gases

lançados na atmosfera – mais de 30% do total de emissões do município.

A Raroz, por exemplo, já tem planejado um novo investimento para erguer sua usina. Itaqui espera ainda, há dois anos, que o projeto da Oryzasil para produzir sílica verde a partir das cascas de arroz se torne realidade. A estimativa é que o projeto possa atrair até R\$ 300 milhões em investimentos.

Em Uruguaiana, que na safra de 2022/23 teve a maior área semeada de arroz, com 69,9 mil hectares, e onde as emissões da produção de arroz representam 27%, a Nova Engevix Construções confirmou em junho que levará adiante o investimento de R\$ 70 milhões para erguer uma usina térmica movida a cascas de arroz. A capacidade projetada é de 5 MW, suficiente para abastecer uma cidade com

30 mil habitantes.

O licenciamento para instalação do novo empreendimento foi aprovado ainda no final do ano passado. A projeção é de que a futura usina consuma, em um primeiro momento, 57 mil toneladas anuais do material que até então era considerado resíduo. A perspectiva dos empreendedores é ainda destinar as cinzas deste processo ao tratamento do solo na região.